

Marcovitch reúne-se com o Conselho de Representantes e diretores da Adusp

Onovo reitor da USP, Jacques Marcovitch, reuniu-se, dia 5 deste mês, na sede da Adusp, com a diretoria da entidade e membros do Conselho de Representantes para debater seus planos de gestão e ouvir opiniões e reivindicações dos professores sobre os principais problemas da universidade. Trinta pessoas participaram do encontro e Marcovitch iniciou pedindo que fosse aberta uma “nova página na história da USP, com uma discussão desarmada por parte de todos os setores da universidade, sem ressentimentos para com a reitoria”.

O debate principal acabou se fixando na atuação da Cert. Os principais tópicos deste tema foram: a “eficiência” dos padrões de avaliação docente; o número de membros da entidade — o atual é de 13 pessoas para avaliar todos os professores da universidade; a ocupação de cargos administrativos, como o de chefe de departamento, por parte de membros desta Comissão; a homogeneização dos critérios de avaliação para áreas completamente diferentes; e até o modo como os professores são tratados pela Comissão. O reitor ouviu atentamente os argumentos dos docentes e pediu que fosse elaborado e encaminhado à reitoria um documento contendo as principais questões levantadas durante a reunião.

Prioridades

Jacques Marcovitch afirmou que sua gestão será centrada nas seguintes prioridades: 1) defesa da universidade pública; 2) valorização dos recursos humanos; 3) maior agilidade e diminuição da burocracia e barreiras em geral; 4) recuperação dos vínculos entre a extensão, a cultura e o ensino; e 5) melhoria da relação com a comunidade externa.

Em relação aos contratos precários, o novo reitor salientou que existem cerca de 250 casos pendentes, para os quais seria uma injustiça a não efetivação dos professores. Contudo, segundo ele, não são todos os casos que se encontram nesta situação: “muitos ainda precisam ser estudados.” Ao abordar o tema do fechamento da USP nos finais de semana, o novo reitor disse que não gosta das palavras “fechamento” ou “abertura” do campus. “A USP é como nossa casa:

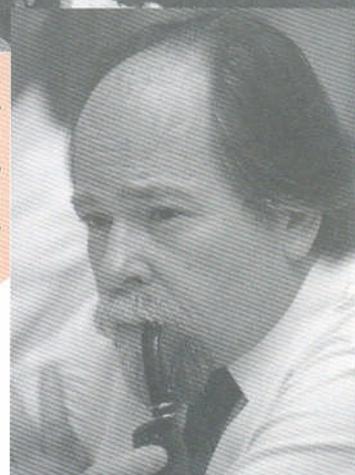


Daniel Garcia

Jacques Marcovitch diz que a valorização dos recursos humanos e a recuperação dos vínculos com a comunidade externa serão prioridades durante sua gestão.

nunca está completamente aberta, nem completamente fechada.” Ele propôs a criação de visitas monitoradas para escolas aos sábados e domingos, a fim de mostrar o que a universidade tem a oferecer à sociedade.

Quanto à convocação de uma estatuinte para rever o Estatuto da USP, Marcovitch



disse que isto seria “paralisante”. Para ele, deve-se promover, anualmente, (entre maio e junho) o debate de propostas de mudanças no Estatuto, com participação de toda a comunidade universitária: “É preciso criar um hábito de mudanças”, disse ele. O tema salários foi abordado com cautela. Apesar de sua proclamada política de “valorização dos recursos humanos”, o atual reitor disse que não arrisca fazer previsões até saber o valor do orçamento para o próximo ano. Marcovitch acredita que o orçamento de 98 será “muito mais austero”.

Novos pró-reitores

Na reunião do Conselho Universitário de 16 deste mês, Jacques Marcovitch estará apresentando para apreciação dos conselheiros os nomes de sua preferência para ocupar os cargos de pró-reitores: Ada Pellegrini Grinover (FD), pró-reitora de graduação; Hernan

Chaimovich Guralnik (IQ), pró-reitor de pesquisa; Adolpho José Melfi (IAG), pró-reitor de pós-graduação, e Adilson Avansi de Abreu (FFLCH), pró-reitor de cultura e extensão. Compete ao Conselho Universitário aprovar ou não as indicações do reitor da USP.

Sr. Editor

"Venho por meio desta manifestar considerações sobre a matéria intitulada "USP está fechada a novas idéias", publicada no Informativo Adusp nº 28, na qual é apresentada uma entrevista com o professor Célio Bermann, do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP (IEE/USP).

Espero que algumas das idéias ali apresentadas sejam de inteira responsabilidade do professor Célio e não uma opinião da Adusp como instituição representativa da maioria dos docentes da USP, na qual me incluo.

A referida entrevista tem como foco de interesse a luta do IEE/USP para se tornar uma instituição de ensino, mascarada sobre o manto da precariedade que tanto afeta nossa comunidade, e daí, como tal, fazer os ajustes funcionais que atualmente estão incomodando aquele Instituto, na medida em que os recursos oriundos da prestação de serviços e da universidade não são suficientes para manter o inchaço de seu quadro funcional.

A pergunta, então, que a entrevista não responde é o porque o IEE/USP tem o interesse de se tornar uma instituição de ensino para atuar na graduação e/ou pós-graduação.

Parece-nos que o entrevistado desconhece que a 100 metros de sua instituição existe um curso de graduação e de pós-graduação em Engenharia Elétrica, no qual todos os objetivos que o IEE/USP pretende conseguir são praticados há várias décadas!!

Não seria uma atitude impensada de nossos dirigentes promover uma duplicidade de esforços no mesmo sentido, acarretando com isto um dispêndio desnecessário de dinheiro público?

Será que se o Departamento de Engenharia de Energia e Automação Elétricas da EPUSP, do qual faço parte, decidisse solicitar autorização para realizar ensaios elétricos para as empresas do setor, o IEE/USP concordaria com esta atitude? Mais precisamente, a USP abraçaria este pleito, ou estaria fechada a esta nova idéia?

Vamos mais além: por que o CTH não poderia ser autorizado a criar um curso de Engenharia Hidráulica? Por que o Instituto Oceanográfico não poderia ser autorizado a criar um curso de Engenharia Oceânica? Talvez assim, poderíamos pensar um dia na extinção da Escola Politécnica. E por que não os museus da USP? Com certeza poderiam criar uma infinidade de outros cursos de graduação e poderíamos pensar em fechar outras unidades.

A USP está fechada a novas idéias? Concordo em parte, seguramente bem menos do que no passado. Como exemplo disto, podemos citar o curso de pós-graduação em Energia do IEE/USP, que conta com a participação de três unidades da USP na sua condução e que não teve entraves na sua criação.

Agora, pleitear uma solução administrativa para resolver problemas pessoais, os quais foram criados por gerenciamento indevido da coisa pública, não julgo que seja devido a um fechamento a novas idéias.

Assim sendo, senhor Editor, não podemos concordar e muito menos difundir idéias absurdas, simplesmente pelo fato de estarem vindo de um conselheiro da Adusp, sem que todas as partes envolvidas no processo sejam ouvidas".

José Roberto Cardoso, professor da Poli.

O horror e as misérias do desemprego

A Revista Adusp, edição nº 12, distribuída dia 15 deste mês, traz como assunto de capa o tema Desemprego: O Horror Brasileiro. A matéria mostra que o país bate recordes de desemprego, de inadimplência, de violência urbana e, ainda, retrata o drama de cinco desempregados em São Paulo. Eles falam da falta de perspectivas, da restrição à idade, do grande contingente na disputa de uma vaga, da terceirização e do desespero pessoal.

Quando a Revista Adusp já havia sido encaminhada para impressão, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) divulgou o nível de emprego relativo ao mês de novembro, constatando o verdadeiro horror brasileiro: queda de 0,90% em relação a outubro. Essa queda representa o fechamento de 16.328 postos de trabalho.

De acordo com a Fiesp, o nível de emprego acumula queda de 5,08% no ano (94.065 vagas) e 5,49% nos últimos doze meses (101.875 vagas).



Para analisar a atual crise brasileira e apontar perspectivas para o país, a revista publica artigos dos senadores Roberto Freire (PPS/PE) e Esperidião Amin (PPB/SC); do economista e membro do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores, Plínio de Arruda Sampaio; e do professor da USP Carlos Estevam Martins. Esta edição traz também entrevista com o sindicalista mexicano e líder civil zapatista Edur Velasquez e artigos dos professores Antonio Candido, Paulo Capel Narvai e Felipe M. Pait, todos da USP e também dos professores Pedro Paulo Funari (Unicamp) e Carlos Walter Porto Gonçalves (UFF).

Adusp

Diretoria:

Jair Borin, Osvaldo Coggiola, Marcos N. Magalhães, Iraci Palheta, Ildo Luís Sauer, Lighia B. Horodyski-Matsushigue, José Moura Gonçalves Filho, Paulo Y. Kagayama, Antonio César Fagundes, Jairo Kenupp Bastos, Ires Dias.

Adusp-S.Sind.: Av. Prof. Luciano Gualberto, trav. J, nº 374
Cidade Universitária - São Paulo - SP
CEP 05508-900
Tel: (011) 813-5573
Fax: (011) 814-1715
e-mail: aduspsp@org.usp.br

Editor:

Marcos Luiz Cripa vd
Assistente de redação:
Eduardo Lima

Projeto Gráfico:

Argeu Godoy

Edição de arte e diagramação:

Luís Ricardo Câmara

Secretaria: Alexandra Carillo e Aparecida de Fátima dos Reis Paiva

Distribuição: Marcelo Chaves e Walter dos Anjos

Tiragem: 6.500 exemplares

Periodicidade: mensal

Filmes: Bureau Bandeirante

Impressão: Gráfica Poolprint

Congregação do IME não repara injustiça

O concurso para titular em Topologia Algébrica no Instituto de Matemática e Estatística (IME), em que o professor Daciberg L. Gonçalves foi reprovado, esteve novamente em pauta na reunião da Congregação do IME em 28 de novembro. Mais uma vez, prevaleceu a injustiça e o recurso contra a homologação não foi aceito por 14 votos a 8. Vale ressaltar que além de manifestações anteriores de especialistas, foi acrescentada durante essa reunião, trazida pela chefia do Departamento de Matemática, carta do pro-

fessor Albrecht Dold, Professor Doutor Honoris Causa da Universidade de Heidelberg- Alemanha, vice-presidente da International Mathematical Union - IMU, editor do Lectures Notes in Mathematics e de várias revistas de circulação internacional e um dos maiores especialistas na área do concurso. Esta carta e demais documentos relativos ao concurso podem ser encontrados no endereço eletrônico: <http://www.ime.usp.br/~marcos>.

Em sua correspondência, o professor Dold não deixa dúvidas sobre a qualidade do

trabalho acadêmico do professor Daciberg. Sua análise detalhada constrasta flagrantemente com a superficialidade dos pareceres e conclusão da banca, constituída pelos professores Michael F. Forger (IME), Paul Schweitzer (PUC-RJ), César Camacho (IMPA-RJ), Manfredo Perdigão do Carmo (IMPA-RJ) e Marcos Djaczer (IMPA-RJ), sendo que os três últimos reprovaram o candidato. Tendo esgotada a discussão deste concurso no âmbito da unidade, o caso segue agora para a consideração do Conselho Universitário.

Agenda de lutas para 98

As entidades sindicais e populares definiram durante o Encontro Popular Contra o Neoliberalismo, realizado no Ginásio do Ibirapuera, no dia 6 de dezembro, a agenda de lutas para o próximo ano. Mais de quatro mil pessoas, provenientes de todos os estados do país, participaram do encontro.

A agenda 98 inclui na plataforma de lutas o trabalho, a terra, a qualidade de vida, a educação, a cidadania, previdência e a democracia. A data inicial das manifestações é 24 de janeiro (Dia Nacional do Aposentado) e o encerramento está marcado para 10 de dezembro de 98 (Dia Internacional dos Direitos Humanos).

O calendário poderá ser antecipado, conforme a pauta de votações do Congresso Nacional durante a convocação extraordinária. "Desde já, reforçamos o combate às demissões, à defesa da previdência, dos direitos dos trabalhadores e do povo, convergindo para a Marcha pelo Emprego a partir do Primeiro de Maio de 1998", afirma o manifesto aprovado no encontro.

(Agência Andes)

Fuga de docentes para as universidades particulares

A edição da revista Veja, 10 de dezembro, trouxe como matéria de capa a fuga de cérebros das universidades públicas para as particulares.

Segundo a Veja, das 50.239 vagas existentes nas federais, 7.573 estão abertas e as perdas salariais, desde o início do governo FHC, somam 25%. A matéria afirma que, nas federais, de janeiro de 94 a setembro de 96, 4.867 docentes pediram aposentadoria.

O ex-reitor da USP, Roberto Leal Lobo e Silva Filho, é destaque na matéria. Aposentado pela USP, recebe mensalmente um salário de R\$ 25 mil, segundo estimativa da revista, incluindo a aposentadoria e o novo salário como reitor da UMC. Lobo é ex-professor

titular e ex-diretor do Instituto de Física e Química de São Carlos. Ele foi reitor entre 90 e 93, ano em que se aposentou. A matéria retrata a situação de um outro professor da USP, Manoel Gonçalves Ferreira Filho. Ele é professor titular da

Faculdade de Direito, mas como não é contratado em RDIDP, assumiu o cargo de reitor da Universidade de Guarulhos.

A matéria traz, ainda, um quadro comparativo entre os salários pagos anualmente a um professor titular em duas universidades americanas, na USP e nas federais brasileiras. Em Harvard o salário atinge US\$ 110 mil; na Califórnia US\$ 88 mil, na USP US\$ 56 mil e nas federais US\$ 43 mil.



Caso Marina ainda não resolvido

A professora Marina P. Nóbrega teve seu contrato precário não renovado a partir de julho último pelo Instituto de Biociências.

Em recurso à justiça comum, a professora conseguiu manter seu vínculo provisoriamente até fevereiro de 98, data em que se encerra o seu projeto de pesquisa com auxílio da Fapesp. Em termos administrativos, seu recurso pela não contratação está no Conselho Universitário, mas aguardando o desfecho na justiça. O processo judicial tramita normalmente e inclui uma ação ordinária que solicita sua recontração.

A Universidade de São Paulo apresentou duas contestações em defesa das decisões institucionais com o argumento principal de que a professora não precisa de seu salário para desenvolver o projeto de pesquisa, uma vez que tem laboratório e equipamentos financiados pela Fapesp. Esse argumento da Consultoria Jurídica é lamentável e as autoridades uspianas deveriam refletir sobre a conveniência desse tipo de defesa.

À argumentação da Universidade de São Paulo foi apresentada réplica e o juiz provavelmente deverá ouvir as partes em audiência com testemunhas.

Paralelamente a ação judicial, a professora Marina continua o seu esforço na busca de uma transferência para outra unidade da universidade.

O jornalismo e a ética

Um jornalista pode ter memória e experiência, mas sem ética sempre será um péssimo jornalista. No dia 28 de novembro, a Adusp foi atacada na pessoa de seu presidente em matéria que circulou na coluna Tendências/Debates do jornal *Folha de S. Paulo*.

Sonegando fatos e aviltando idéias emitidas em artigo assinado pelo presidente da Adusp, um colaborador do jornal tentou desqualificar a atuação de todas as entidades que participaram das manifestações de protesto contra a morte do garoto Daniel Pereira de Araújo, na raia olímpica, em circunstâncias que ainda estão sendo apuradas. Falando em nome de quem não teve coragem para fazer a crítica abertamente, o jornalista esgrimiou o velho argumento da direita conservadora, sempre que a

violência atinge de forma brutal um popular ou uma liderança das camadas mais pobres da população: o cadáver do garoto estaria sendo usado para fins políticos.

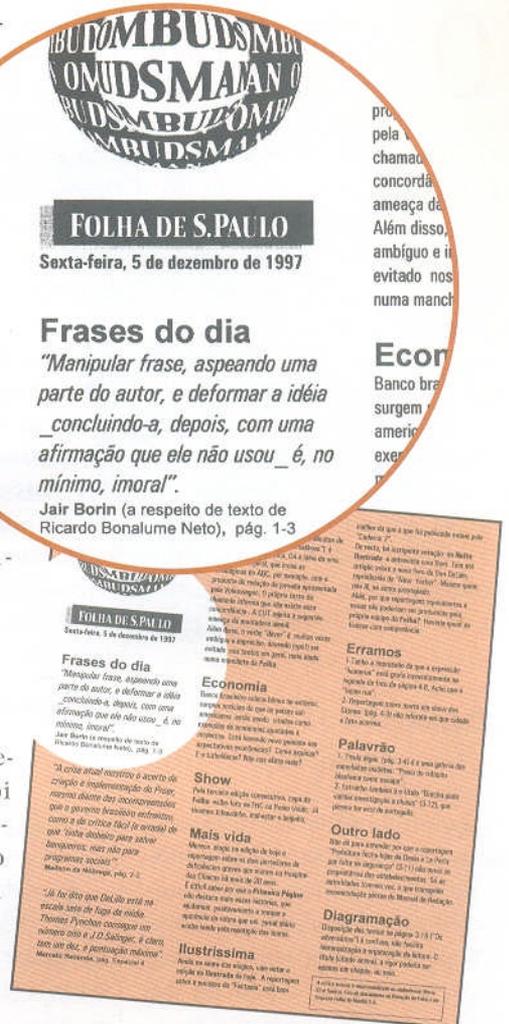
Perder a capacidade de se indignar diante da injustiça é estar morto para a sociedade. Infelizmente, muitos permanecem indiferentes diante de fatos graves, como os que vitimaram o garoto Daniel.

Atacar de forma difamatória lideranças sindicais e de comunidades para desacreditar o trabalho organizativo e político é uma tática utilizada pelos setores retrógrados da sociedade brasileira. Detentores do controle dos meios de comunicação de massa, esses setores se valem de jornalistas sem caráter para o trabalho sujo da difamação.

A diretoria da Adusp, na pessoa do seu presidente, re-

cebeu aproximadamente com manifestações de apoio, através de cartas e telefonemas. No dia 5 deste mês, a *Folha de S. Paulo* cedeu o mesmo espaço na página 3, para que o presidente da Adusp pudesse responder aos ataques.

Trecho do artigo "A USP, o muro e a difamação", — veja fac-símile — foi reproduzido na crítica interna do ombudsman da *Folha*, Mário Vitor Santos.



Prefeitos dos campi devem ser eleitos democraticamente

Até o final de fevereiro o atual reitor da USP, Jacques Marcovitch, estará anunciando os nomes dos novos prefeitos dos campi do interior e da capital. Em São Paulo não existe tradição de participação da comunidade universitária neste processo, contudo, em Ribeirão Preto e Piracicaba o Conselho do Campus — integrado por representantes dos alunos, docentes e funcionários — participa indicando nomes para serem apreciados pelo reitor.

Em Ribeirão Preto, a comunidade universitária local conseguiu influir na escolha do último prefeito, nomeado pelo ex-reitor Flávio Fava de Moraes.

A regional da Adusp em Ribeirão Preto organizou um debate convidando os possí-

veis candidatos ao cargo de prefeito a se apresentarem e exporem suas idéias. Três se inscreveram, mas um não compareceu: o professor Carlos Júlio Laure, tido como o candidato preferido do reitor. Entre os dois presentes, o professor Moacyr Antônio Mestriner, atual prefeito do campus de Ribeirão Preto, foi quem mais agradou o público, formado por alunos, professores e funcionários. A comunidade encaminhou, então, ofício ao reitor pedindo para que se escolhesse o "vencedor do debate" para novo prefeito e Fava aceitou a sugestão.

Este foi um acontecimento isolado e não há previsão quanto a uma nova escolha mais democrática para o cargo, uma vez que a indicação de prefeito dos campi é

prerrogativa do reitor. Segundo Jairo Kenupp, diretor regional da Adusp em Ribeirão Preto, "o ideal seria que as pessoas se declarassem candidatos antecipadamente para que se pudesse promover debates e a comunidade apontar o nome de sua preferência." Tanto em Ribeirão como em Piracicaba, existe o Conselho do Campus. Esse conselho faz uma lista com os nomes que mais lhe agradam e envia ao reitor, o qual, normalmente, opta por um deles.

Para Paulo Kageyama, diretor da regional Adusp em Piracicaba, "o processo atual é bastante antidemocrático, os candidatos são escolhidos por um colégio eleitoral restrito e com nenhuma representatividade." Em Pirassununga, existe ainda um pro-

blema extra: não há indicação de nomes ao reitor. Nos seis anos de sua existência, o campus de Pirassununga teve dois prefeitos, e nenhum deles era professor de nenhuma das duas faculdades instaladas naquela cidade. O primeiro deles veio da Unicamp, e o atual, nomeado pelo ex-reitor Fava, era professor de Piracicaba. Antonio César Fagundes, diretor regional da Adusp em Pirassununga, afirma que muito provavelmente o próximo prefeito também não será daquela localidade, apesar de existirem pessoas interessadas em candidatar-se ao cargo. "O processo de escolha do prefeito deveria ser democrático e a comunidade eleger o candidato de sua preferência; alguém que conhecesse os problemas dos respectivos campi."